**Planos de aula**

Os planos de aula são muito particulares, mas isso não significa que eles estejam descolados dos planos de curso e planos de ensino.

Uma vez definidos os planos de ensino por séries (anos) /bimestres, os professores devem articular os procedimentos de sua aplicação em situações explícitas de aprendizagem em sala de aula.

Esse trabalho, que ocorre no período de planejamento, tem continuidade nas Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo *(*HTPC). Elas devem servir para que os professores reflitam sobre suas ações efetivas na sala de aula – os pontos de partida das ações

(planos) e os pontos de chegada (aprendizagens) em espaço e tempo determinados –, as metas conquistadas e quais ainda precisam ser alcançadas, apresentando os sucessos e compartilhando os problemas com o objetivo de solucioná-los.

Os planos de aula têm por medida de tempo a previsão por hora/aula. A aula deve ser entendida como a organização de uma série de estratégias de ensino-aprendizagem de determinado conteúdo em um período de tempo.

Essa reflexão em um sistema que organiza sua grade curricular por aulas é muito importante. Em primeiro lugar, porque ***cada aula deve ter sua potencialidade máxima* *de aprendizagem***. Em segundo lugar, porque **o *controle da improvisação da aula é uma* *condição vital***para se organizar o processo de ensino-aprendizagem. E, finalmente, porque a ***sistematização e a sequência das aulas***devem ser cuidadosamente planejadas de forma a respeitar o tempo de aprendizagem do aluno e atender aos objetivos previstos.

Os Cadernos do Professor faz isso com muito critério. Alguns livros didáticos apresentam também essa organização. Mas é de responsabilidade da escola e de seus professores a organização final dos planos de aulas. Em algumas escolas é prática comum à análise e o acompanhamento semanal, pelos coordenadores pedagógicos, dos planos de aula dos professores. O objetivo final é maximizar a aprendizagem do aluno.

Os planos de aula são roteiros para caminhar em uma determinada direção, ou seja, prever o processo de ensino-aprendizagem em uma medida especificada de tempo e espaço (classes).

O calendário escolar é organizado por ano letivo e nele prevalece outra medida de tempo: os bimestres. Os planos de aula podem ser planejados por aulas/bimestres, como é o caso dos Cadernos do Professor e do Aluno. Em casos específicos, como nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, que têm um número expressivo de aulas, os planos também podem ser elaborados por mês.

De forma geral, os planos medem o tempo pelo número de aulas que serão efetivamente ministradas em uma determinada classe. Devem também considerar as medidas de tempo para as atividades de estudo fora de sala de aula (lições de casa), como exercícios, pesquisas, leituras, redações e estudos para as situações de avaliação, e o tempo para devolução aos alunos das correções e observações decorrentes das lições solicitadas e das avaliações aplicadas.

Ao organizar os planos de aulas, os professores podem controlar o **tempo previsto** do processo de ensino-aprendizagem, definindo os conteúdos **(conhecimentos, habilidades, atitudes),** as estratégias de ensino-aprendizagem, os **recursos didáticos** necessários (mapas, livros, jogos, cartazes etc.) e os momentos de avaliação.

Ao conhecer os planos de aula de seus professores, os alunos podem se organizar.

Saberão, por exemplo, o que acontecerá em cada aula, quais materiais deverão ser levados à escola, quais serão os trabalhos diários e os momentos de avaliação que demandam estudo anterior.

Com esse conhecimento, os pais poderão acompanhar as ações previstas pela escola, exigir a organização dos trabalhos indicados para os filhos, evitar ausências etc.

Já os gestores, a partir da análise dos planos de aulas, poderão ajustá-los às condições reais dos alunos e orientar os professores.

Os planos de aula podem trazer muitas informações para **discussão em HTPC,** maximizando o tempo desses encontros pedagógicos. Os professores podem socializar questões como:

► as dificuldades encontradas para a aplicação do plano em determinadas classes;

► os recursos didáticos necessários e pouco disponíveis na escola;

► o pouco ou muito tempo previsto para a aprendizagem de determinado conteúdo;

► as dificuldades de aprendizagem de determinados alunos;

► os problemas de relacionamento aluno-professor e professor-aluno;

► a necessidade de apoio pedagógico;

►a redefinição dos conteúdos e das habilidades para atender ao número de aulas previstas;

► a redefinição das atividades previstas para serem realizadas fora de sala de aula;

► a redefinição das estratégias de ensino-aprendizagem aplicadas e dos recursos didáticos;

► a redefinição das formas e dos processos de avaliação interna;

► a redefinição dos planos já construídos para resolver os problemas encontrados.

É preciso atenção permanente para que a proposta de organização dos planos de aula pelos professores não seja burocratizada. Antes de tudo, o plano de aula tem uma função imediata, que é a de levar o professor a pensar sobre o que irá fazer em classe, em um determinado espaço de tempo e, depois, a pensar se o que foi feito deu certo, quais foram os problemas encontrados e o que será realizado para superá-los.

Sugerimos que**, durante a HTPC, aconteçam momentos de planejamento** (o que eu, professor, farei esta semana, quinzena ou mês) e de exposição (o que eu, professor, fiz na semana, quinzena ou mês). Esse diálogo entre os professores é muito importante. As trocas de experiências sobre as Situações de Aprendizagem aplicadas e seus resultados ajudam muito a capacitação em serviço. Os professores podem sugerir **estratégias bem sucedidas** e interessantes para o grupo.

**Decida, com seu grupo, a forma de fazer o registro dos planos de aula** e de informá-los aos alunos.

O fundamental é saber que, para colocar um plano de aula em ação, o professor precisa planejar a sequência didática que irá aplicar. O primeiro passo é fazer um **recorte do tema**; o segundo, definir **as habilidades** que espera que os alunos desenvolvam em determinado **espaço de tempo**; o terceiro, determinar como irá encaminhar a **atividade em sala de aula** e, por último, como **avaliará o** desenvolvimento da aprendizagem prevista.

O processo ocorre da mesma forma, se o professor utilizar o livro didático.

***Independentemente do caminho que o professor pretenda seguir, ele sempre precisa preparar a sua aula com antecedência. Os materiais didáticos subsidiam a prática de sala de aula, mas jamais substituem a função ativa do professor.***

Com a introdução da Proposta Curricular, foram implantadas ações mais próximas do cotidiano escolar. Elas estão sugeridas em planos de aula por disciplina/série

(ano)/bimestre nos Cadernos do Professor e do Aluno.

Observe que, para ministrar uma aula proposta nos Cadernos, os professores devem ter os recursos didáticos disponíveis para a apresentação aos alunos e um bom conhecimento teórico sobre o tema para direcionar a aprendizagem.

A utilização de procedimentos metodológicos adequados para o desenvolvimento dos planos de aula é de extrema importância. Esses procedimentos são:

**a) *Proposição de uma sondagem inicial***a ser realizada pelo professor para aferir o conhecimento do aluno sobre o tema que será introduzido. Essa proposta pedagógica

é muito importante para direcionar as ações do professor, uma vez que o capacita para prever a ocorrência de problemas no espaço de tempo previsto para a aprendizagem e, assim, redirecionar as ações ainda no processo.

No geral, esse diagnóstico pode apontar três fatores: o tema já é do domínio dos alunos, portanto há necessidade de aprofundá-lo; o tema está muito aquém do domínio dos alunos, portanto há necessidade da retomada de outros temas que lhe dão suporte antes de introduzi-lo; o tema está adequado ao previsto.

**b) *Proposição de um roteiro de perguntas* para os alunos.** Cabe a cada professor decidir se vai registrá-las na lousa ou se vai ditá-las. Outras decisões a serem tomadas dizem respeito a como os alunos responderão às perguntas e quanto tempo terão para respondê-las, antes de o professor iniciar o debate sobre as respostas dadas. A forma como as perguntas estão dirigidas é intencional. Não são perguntas aleatórias, elas são intencionalmente constituídas de modo que o aluno mobilize operações cognitivas associadas aos conteúdos propostos. Piaget denomina essas ações de

“tarefas operatórias”, porque ativam operações mentais em um determinado contexto, como julgar (avaliar), provar (justificar ou defender um ponto de vista), analisar (decompor os elementos), reunir (recompor os elementos), comparar (identificar semelhanças e diferenças), interpretar e sintetizar.

A organização do roteiro de tarefas operatórias busca ativar operações cognitivas para integrar e transferir os conhecimentos anteriores (disciplinares ou de mundo) aos conhecimentos novos propostos, priorizando atividades mentais interiorizadas que precedem e sucedem a reflexão. Há uma condução pedagógica do pensamento do aluno sobre o conhecimento proposto, tendo em vista a sua aquisição.

Isto é, além da proposta da aprendizagem do conteúdo, há uma proposta de se aprender a pensar aquele conteúdo.

Essa postura pedagógica considera a importância da escola na construção de um **pensamento reflexivo** sobre os fatos ou fenômenos observados.

**c) *Problematização do tema*.** Resolver problemas em situação escolar pressupõe problematizar os fatos ou fenômenos observados, formulando hipóteses sobre suas causas, com base em teorias e paradigmas da ciência estabelecida, para, então, emitir conclusões autorizadas. Observem o uso intencional do plural na definição.

Os alunos devem conhecer as diferentes teorias que procuram explicar os fatos ou fenômenos naturais e sociais. A escola não pode passar a impressão de que existe apenas uma explicação ou apenas uma resposta definitiva para um determinado problema. Há muitas respostas e, provavelmente, para cada uma delas surge um novo problema com muitas respostas e problemas. Isso significa ensinar os alunos a adquirir uma atitude científica frente aos fatos ou fenômenos observados – a dúvida metódica e a análise crítica –, gerando a experiência e a curiosidade da descoberta (aprender a aprender).

**A problematização, em uma situação escolar, desenvolve a competência** de procurar caminhos para explicar o mundo e de reconhecer a beleza do pensamento científico que nunca está satisfeito com as explicações que ele mesmo cria. O pensamento científico é essencialmente divergente, criativo e crítico.

Por isso, a relevância de os professores problematizarem o tema, a partir de determinada situação, para que os alunos proponham uma solução adequada, utilizando os conhecimentos da área de que já dispõem ou buscando outros conhecimentos da área (pesquisas) que possam sustentar suas conclusões.

O problema proposto deve ser de possível resolução pela classe e série (ano), adequado ao estágio de conhecimento dos alunos e significativo para a sua experiência pessoal (contexto do problema e vivência do problema).

Quando essa estratégia de ensino-aprendizagem é aplicada, as tarefas operatórias a serem desenvolvidas (competências e habilidades) tornam-se os grandes campos de aquisição. **São elas: saber coletar e organizar os dados, comparar informações, elaborar e selecionar hipóteses, construir uma argumentação consistente para defender um ponto de vista e elaborar propostas objetivas para solucionar o problema.**

**d) *Aula expositiva dialogada****, intimamente relacionada à resolução do problema proposto.* O papel do professor nessa aula é estimular os alunos para a participaçãoativa na compreensão do tema, dialogando com a classe, trazendo o problema para asituação de sala de aula, fazendo perguntas instigantes, levantando hipóteses,esclarecendo as dúvidas.

Com o apoio de recursos didáticos específicos, o professor organiza coletivamente a reflexão sobre o tema em uma sequência didática em função do tempo disponível, socializando o saber com o foco no contexto de sala de aula.

Diferentemente da aula **expositiva clássica,** o tema é apresentado em **diálogo** com os outros temas já estudados, recuperando princípios e conceitos amplos relacionados às informações e aos exemplos particulares, com a finalidade de construir uma argumentação consistente sobre os fatos apresentados.

O professor faz perguntas e espera que os alunos se coloquem em relação a elas.

Esclarece as dúvidas e solicita exemplos, fala com uma linguagem de área adequada ao nível de conhecimento da classe, utiliza termos novos e explicita seus significados.

Só a experiência didática nos permite ministrar uma aula expositiva adequada, pois precisamos saber de antemão quando podemos dizer o que e para quem e, principalmente, como vamos dizer, para atrair a atenção dos alunos e conduzir a aprendizagem pretendida.

A aula expositiva, mais do que qualquer outra estratégia adotada, **não pode ser improvisada**, pois ela exige domínio total do tema que será apresentado, objetividade para não se perder em subtemas tangenciais, seleção de exemplos próximos do interesse dos alunos, organização do tempo previsto e muita sensibilidade no uso da linguagem de comunicação para diferentes públicos e na condução da aula propriamente dita, para manter a motivação da classe como um todo na exposição.

De todos os problemas encontrados, em casos de **observação de aulas expositivas,** podemos dizer que alguns são inaceitáveis.

**Citamos:**

**1.** O expositor não tem domínio sobre o tema que está expondo ou não se preparou para expô-lo;

**2**. O expositor fala para si mesmo em uma linguagem que só ele entende;

**3.** O expositor não sabe controlar o tempo da exposição;

**4.** O expositor formula perguntas ou apresenta exemplos impróprios para o nível de conhecimento de seu público ou formula perguntas que têm uma única resposta;

**5.** O expositor não compreende as perguntas e os argumentos do público e usa sua autoridade temporária para calar as vozes que procuram o diálogo;

**6.** O expositor não tem sensibilidade para identificar e superar as resistências de seu público, tais como falta de atenção, conversas paralelas, formulação de perguntas que fogem do tema etc.

Todos os Cadernos do Professor e do Aluno de séries (anos)/bimestres **apresentam uma mesma *proposta metodológica no âmbito de cada disciplina***, isto é, uma **sequência de procedimentos de ensino-aprendizagem**, tendo em vista os resultados descritos na Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Há, portanto, um caminho comum baseado em um projeto (Proposta Curricular). **Por isso, a insistência do uso dos Cadernos em sala de aula para gerar um diálogo entre os professores da disciplina.**

As estratégias de ensino-aprendizagem estão pautadas em fundamentos comuns, como visão interacionista da aprendizagem no ambiente escolar; necessidade de os alunos experimentarem o conhecimento para assimilá-lo; mobilização de diferentes esquemas operatórios pelos alunos; problematização do conhecimento e adequação dos processos de ensino-aprendizagem para atender aos objetivos previstos.

**O texto da Proposta Curricular diz:**

“*Por isso, esta Proposta Curricular tem como princípios centrais: a escola que aprende, o currículo como espaço de cultura, as competências como eixo de aprendizagem, a prioridade da competência de leitura e de escrita, a articulação das competências para aprender e a contextualização no mundo do trabalho*”.

Esses princípios regem todas as ações didáticas dos Cadernos do Professor e do

Aluno, desde a escolha dos conteúdos, passando pela proposição das estratégias de ensino-aprendizagem, até os processos de avaliação.

O gestor deve apontar os caminhos e manter a trajetória numa determinada direção para garantir princípios gerais indicados na Proposta Curricular. Com esforço consciente e postura profissional, os gestores podem construir uma Proposta Pedagógica interdisciplinar que garanta a permanente constituição do saber em sala de aula, voltada para o aprender a aprender.

A Secretaria da Educação tem cumprido seu compromisso de implantação dos princípios interdisciplinares que dispôs em sua Proposta Curricular, fornecendo ações contínuas e sistemáticas de capacitação e de produção e distribuição de recursos didáticos, considerando que esses produtos são centrais para a construção de uma Proposta Pedagógica interdisciplinar.

A Proposta Curricular indica uma postura interdisciplinar na especificidade das disciplinas, como bem exemplificam os Cadernos do Professor e do Aluno, que interseccionam as estratégias de ensino-aprendizagem. Neles, o exercício do diálogo por área e entre disciplinas ocorre com base na reconstrução do conhecimento pelos alunos de maneira ativa, pessoal, coletiva e histórica. Todos os Cadernos perseguem um fim comum, valorizando o trabalho conjunto em prol da competência cognitiva e da consciência ética e política dos alunos, a partir do estudo dos conhecimentos de cada disciplina. Os Cadernos apresentam nas práticas propostas seu projeto interdisciplinar.

Cabe à gestão escolar solucionar outros problemas como a evasão escolar, a indisposição dos professores para trabalhar com a Proposta Pedagógica da escola, o autoritarismo que não permite a expansão das ideias ou iniciativas e a falta de acompanhamento e controle dos projetos curriculares.

Também **compete à gestão criar condições para que o atendimento personalizado** aos alunos com dificuldades de aprendizagem seja uma realidade, o aluno trabalhador seja valorizado e para que prevaleça o incentivo ao estudo e o resgate da autoestima de alunos e professores.

As convergências da equipe escolar em torno de um projeto geram um sentido para o ato de ensinar, identidade para a escola, uma nova maneira de conviver com o outro.

Quando o projeto da escola está explícito, consegue-se atingir o estágio interdisciplinar, no âmbito situacional e metodológico, porque todos os envolvidos partilham o que a Proposta Curricular denomina cultura. Cultura no sentido de vivenciar intensamente a aprendizagem dos conteúdos escolares.

A administração da escola, as ações docentes e discentes e as atividades de sala de aula fluem porque todos os agentes, cada um a seu modo, estão vinculados a uma mesma proposta. Enquanto esse projeto não for construído e aceito pela comunidade escolar, será difícil conduzir a escola como ambiente de aprendizagem. E tudo isso, ao fim, deve se refletir no plano de aula e na sala de aula.

***Para observar***

O plano de aula encaminhado pelo professor define:

► Competências e habilidades a serem desenvolvidas?

► Conteúdos e temas a serem desenvolvidos?

► Situações de Aprendizagem:

– em sala de aula?

– fora de sala de aula?

► Metodologias adequadas?

► Recursos didáticos necessários?

► Formas de avaliação?

**São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.**

**Caderno do gestor: gestão do currículo na escola / volume 1/ Secretaria da Educação;**

**Coordenação geral, Maria Inês Fini; autoria, Zuleika de Felice Murrie. – São Paulo:**

**SEE, 2010. v.1,il.**